

O IMPACTO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS: A PRÁTICA EM SALA DE AULA BILÍNGUE PARA SURDOS¹

Lana Régia Gouveia Neves Bento²,

Wilma Pastor de Andrade Sousa³

RESUMO

Este Trabalho objetiva analisar a experiência de residentes no Programa Residência Pedagógica em sala de aula regular bilíngue para surdos. Participaram do estudo nove residentes. O trabalho foi desenvolvido em uma sala de aula regular bilíngue para estudantes surdos, do ciclo de alfabetização, em uma escola da Rede Municipal da cidade do Recife – PE. A coleta de dados ocorreu em dois momentos, por meio de observações das regências das residentes, que aconteceram duas vezes por semana no período de março a dezembro, perfazendo um total de 64 dias, e um questionário. Os resultados mostraram que as residentes usaram estratégias específicas e bem adaptadas ao ensino do estudante surdo. Através da imersão na escola por meio do Programa Residência Pedagógica, as habilidades e competências das residentes foram reformuladas a partir da relação entre a teoria e a prática. Portanto, propor o diálogo com a Academia e a Escola assegurou aperfeiçoamento não só na formação docente, mas também na temática da inclusão na perspectiva de igualdade de oportunidade.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Sala bilíngüe, Estudantes surdos.

INTRODUÇÃO

A nova visão de surdez tem levantado significativas mudanças não só no campo da educação, como também no da medicina. Historicamente, toda condição social que regia a vida do surdo era sob a ótica clínica, nesse sentido, quase não existia possibilidade de o surdo percorrer caminhos que o levasse a autonomia psicossocial.

Relatos de eventos marcantes a partir do século XVIII, na cultura européia, de acordo com Skliar (1998), descapacita e subordina o sujeito surdo, sua língua e cultura em detrimento da linguagem oral. Tais eventos redundaram no discurso da hegemonia da deficiência, legitimada pela ciência moderna da medicina e filosofia. O fato de a educação do surdo percorrer caminhos a muito secularizados, não estabelece uma linha

¹ Artigo elaborado a partir do Programa Residência Pedagógica da Caps em parceria com a UFPE.

² Professora da Escola Municipal Pe. Antônio Henrique, lanaregiab@yahoo.com.br

³ Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - Centro de Educação – (UFPE), wilmapastor@gmail.com

em ascendência ou linear. Ao mesmo tempo em que movimentos, através da educação, comprovavam a identidade lingüística e cultural, bem como as potencialidades educacionais do sujeito surdo, o discurso hegemônico do ouvintismo continuava, de acordo com Skliar, (1998) dominando ideologicamente as decisões políticas. Em um Congresso em Milão, em 1880, depois de comprovadas práticas metodológicas com sucesso no campo da educação do surdo, e do reconhecimento da língua de sinais como a forma de comunicação do sujeito surdo; diretores das escolas para surdos mais renomados da Europa propuseram acabar com a sinalização e dar espaço à palavra falada, o oralismo.⁴ Ver-se então que as práticas terapêuticas (medicina) e as definições políticas epistemológicas (filosofia) não identificavam o sujeito surdo na sua condição antropológica de ser, ao considerá-lo pertencente a uma subclasse de pessoa “especial” pela patologização, indicada então a uma educação especial.

Contudo, voltando à valorização pela qual passa o surdo ou o fator surdez, hoje a surdez não é considerada apenas uma condição fisiológica, ela representa e constrói uma identidade cultural própria, em que a cultura surda tem seu aporte maior na surdez. O surdo tem uma língua comum, com estatuto de língua: “a Língua de Sinais como expressão de uma cultura específica, com repercussões não apenas linguísticas e cognitivas, mas também sociais.”, Santana, (2007, p.33).

A grande questão, porém, é em meio às abordagens educacionais voltadas à educação dos surdos, a língua oral e a língua de sinais atuam no mesmo campo onde as práticas pedagógicas de acesso à alfabetização e letramento desses estudantes prevêm variadas qualitativas, num consenso pedagógico em que língua de sinais não fica obscura, nem subalterna a língua oral. Como língua natural do surdo, ela deve permear todo currículo escolar, garantindo a construção de conceitos, a aquisição lexical dos sinais por meio da visão, estruturando o pensamento. Nesse sentido, a Libras se denota L1, por configurar a língua materna do surdo, e o Português escrito a L2, por ser a língua dominante do país, e como meta de bem-estar social para o surdo, favorece a escolarização e a inserção social, conforme o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (2014).

⁴ O Oralismo na educação de surdos é uma abordagem educacional que tem como objetivo integrar o sujeito surdo na comunidade de ouvintes. Hoje, nesse âmbito há variadas correntes, desde as metodologias unissensoriais e as multissensoriais. SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. MOURÃO, Carlos Antônio Fontenele, (2018).

Nessa direção, esse trabalho tem a proposta de dialogar com a reflexão sobre o letramento de estudantes surdos, a partir da prática na formação de pedagogas dentro do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A intervenção do projeto trouxe a perspectiva de oferecer a experiência de letramento a estudantes surdos. Na prática, o ensino é sempre desafiador, exige compromisso e dedicação. Na sala de aula bilíngue para surdos, lidar com o ensino do Português escrito e a Libras significa romper com o método do oralismo de ensino-aprendizagem da pessoa surda. Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho é analisar a experiência de residentes no Programa Residência Pedagógica em sala de aula regular bilíngue para surdos. Para isso, temos como objetivos específicos: a) categorizar as experiências das residentes do Programa Residência Pedagógica; b) descrever a importância das experiências durante as regências na formação docente e na vida pessoal; c) descrever a concepção das residentes sobre letramento de estudantes surdos; d) identificar a metodologia didático-pedagógica utilizada pelas residentes durante a regência em sala de aula bilíngue para surdos.

A Residência Pedagógica é uma ação estratégica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na implementação da Política Nacional com o objetivo de, na formação de professores, assegurar o aperfeiçoamento destes, desenvolvendo habilidades e competências, para assim atuarem de maneira a realizarem um ensino de qualidade. O Programa traz a Academia para dentro da escola, afim de que os/as residentes realizem atividades teórico-metodológicas, não se limitando à vivência em sala de aula, mas em constituir uma interação entre a pesquisa acadêmica e a teoria-prática docente. Nessa linha de raciocínio o presente trabalho se baseia no seguinte pensamento:

Para as faculdades de educação, o reconhecimento da prática da profissão como processo de aprendizagem profissional deveria incluir o desenvolvimento de uma parceria com professores, de modo que estes tomem parte, diretamente, na formação de professores. (TARDIF, 2002, p. 181).

No que tange a educação dos surdos no contexto bilíngue, L1 – Libras e L2 – Português escrito, os marcos normativos e pesquisas realizadas constituem um reconhecimento do sujeito surdo enquanto pessoa humana, que Skliar (1998) chama de sujeitos “políticos e culturais”. Então, a partir dessa premissa: o letramento do estudante surdo em sala de aula bilíngue teve as práticas aplicadas a partir de conceitos baseados

em trabalhos práticos, com mostra de resultados e autores com narrativas comprometidos com o universo da surdez, estes, trazem na discussão teórica as facetas pertinentes ao sujeito que não precisa ouvir para adquirir o aprendizado, nem mesmo para ser letrado, e ser visto como normal.

Sendo assim, este estudo traz uma reflexão, a partir da experiência das residentes, sobre a importância do bilinguismo na formação do estudante surdo.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido em uma Escola Municipal do Recife, em uma sala bilíngue dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa nove residentes, todas estudantes do curso de Pedagogia da UFPE, as quais serão denominadas de Residentes: R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8 e R9.

A coleta de dados ocorreu por meio de observações das regências das residentes, duas vezes por semana, no período de março a dezembro/2019, perfazendo um total de 64 dias, bem como de um questionário contendo cinco perguntas abertas. A pesquisadora, que era a professora da sala, fez as observações das regências através de uma ficha Individual de avaliação do Programa de Residência Pedagógica, conforme orientação feita pela professora orientadora do programa.

Outro importante momento, anterior ao questionário, refere-se à observação a partir do contato das residentes com a turma e, mais ainda, em momentos de regência. Nesse sentido, a observação se torna uma ferramenta investigativa possibilitando realizar descobertas através do contato direto com o objeto de estudo.

As observações serviram para constatar que:

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.190).

Por se tratar de uma análise qualitativa, os dados foram categorizados de acordo com o que orienta Bardin (2016, p.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os quadros a seguir revelam a interpretação dos dados dos questionários após cruzar com os objetivos específicos norteadores da pesquisa. Desse modo, três categorias foram elaboradas conforme estão dispostas nos quadros 1, 2 e 3. Na sequência, eles apresentam as respostas das residentes representadas por R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8, visto que não foi possível o retorno do questionário com uma das residentes, R9. Nos quadros, as unidades de registro foram constituídas por palavras ou conjuntos de palavras situadas no texto do questionário. Tais palavras foram classificadas com valores semânticos com proposições assertivas quanto ao uso de frequência usadas pelas residentes. Assim, a frequência da palavra associada semanticamente às três categorias definiu o sentido/relação de cada unidade significativa evocado na afirmação das residentes e, individualmente, conforme o impacto gerado pelo Programa na formação das mesmas.

Quadro 1- Demonstrativo dos relatos das residentes em salas bilíngues para surdos sobre a importância das experiências vividas.

| Linhas | A importância da Residência Pedagógica na formação profissional e pessoal de estudantes de Pedagogia. | Residentes |
|---------------|--|------------------------|
| 1 | Desenvolver habilidades para ministrar aulas com segurança em sala bilíngue com estudantes em processo de alfabetização. | R1 e R8 |
| 2 | Oportunizar a troca mútua, aprimorar e fortalecer o aprendizado e o enriquecimento como profissional e, principalmente, como pessoa. | R2, R5, R7 e R8 |
| 3 | Estar a todo o momento sensível e lidando com algo novo voltado para as especificidades de cada estudante. | R3 e R6 |
| 4 | Planejar e confeccionar materiais didático-metodológicos. | R1 e R4 |
| 5 | Ouvir histórias de vidas sofridas de superação, força e luta que servirão de exemplo para que eu nunca desista facilmente dos meus sonhos. | R5 |

FONTE: LANA RÉGIA GOUVEIA NEVES BENTO E WILMA PASTOR DE ANDRADE SOUSA (2020).

A partir dos resultados apresentados no quadro 1 entendemos que quanto à experiência vivenciada pelas residentes, o relato das mesmas apresenta características pertinentes à condição humana na sua formação a respeito da atividade educativa e do ensino. No entanto, a subjetividade de cada residente reflete comportamentos inerentes ao ser humano, apresentando diferentes tipos de ação e percepção, e isso torna a experiência enriquecedora, cheia de possibilidades quanto à dimensão da prática educativa, como afirma Tardif (2014).

Por isso, para além do desafio de estar vivenciando a prática pedagógica com a proposta de conhecer o “chão” da escola, as residentes de Pedagogia, nesse projeto, viveram à experiência de estarem trabalhando com uma nova realidade educacional, onde a Sala de Aula Bilíngüe para Surdos se constitui em uma proposta considerando a surdez em uma perspectiva cultural e a Libras como idioma de instrução. Isso porque a própria sala de aula bilíngüe para surdos já é, por si mesmo, uma experiência instigante, os desafios são constantes a cada dia, tal abstração é retratada nas falas de R1 e R8 ao afirmarem ter desenvolvido habilidades para atuar junto ao estudante surdo em processo de alfabetização. Foi assim então que, diante dessa realidade, lidar com a singularidade de um idioma, cultura e especificidade do sujeito, no caso, o sujeito surdo, trouxe a R5, na última linha do quadro 1, a reflexão sobre sua própria formação pessoal quando destacou a importância de ouvir histórias que lhe servirão de exemplo.

Nessa perspectiva é possível constatar o quanto a interação com a escola, promove na estudante de Pedagogia saberes e significados que irá atuar na própria identificação com a profissão e personalidade do graduando conforme nos diz Tardif (2014).

Na escola, o saber da experiência se desdobra na prática do cotidiano. É nele que as relações se estabelecem, trocas são inevitáveis em um universo onde o planejamento, projetos e regulamentos permeiam datas, conteúdos, eventos e todo calendário do ano letivo. Por isso é importante notar o quanto o Programa favoreceu as residentes a oportunidade de lidarem com situações urgentes, ou seja, momentos que exigem decisões inesperadas e, por vezes, até mudança de rumo. Isso porque, o que se planejou, não aconteceu, não deu certo, ou não atingiu o objetivo plenamente. Na escola, as reações mais autorais pertinentes a cada indivíduo se fazem revelar no âmbito dos contatos interpessoais e intrapessoais. A interação é constante em todo processo de desenvolvimento do trabalho docente, por isso, os turnos de fala das linhas 2 e 3 do quadro 1, revelam tal percepção das residentes, e ainda mais, lidar com o novo e o inusitado, pensando sempre na perspectiva dos estudantes e suas especificidades. Sendo assim, é possível constatar que houve amadurecimento para a prática da docência.

No quadro 1, porém, a experiência educativa relacionada à pessoa com surdez, passa pela necessidade de uma constante e significativa construção de quebra de barreiras físicas, atitudinais, e pela falta inclusive de materiais didáticos adaptados e direcionados no sentido de “conseguir efeito na educação da pessoa com surdez”, Sousa

e Mourão (2018 p.29). Nesse aspecto, tão importante quanto perceber as especificidades de cada estudante, é fazer também com que o compartilhamento linguístico seja articulado, promovendo a acessibilidade comunicacional através de material adaptado à língua de sinais. Assim, na fala das residentes, linha 4, tal processo educativo foi percebido. As residentes puderam aprimorar o conhecimento sobre a sistemática do trabalho docente nas diversas situações que envolvem a prática do ensino, bem como os meios de executar através da instrumentalização na quais várias dimensões do processo educativo estão imbricadas.

Quadro 2 – Demonstrativo sobre Sala de aula bilíngüe para surdo

| Linhas | A percepção das residentes sobre sala de aula bilíngüe para estudantes surdos | Residentes |
|--------|--|-------------|
| 1 | Define o uso da L1 e L2. Tem uma proposta pedagógica que corresponda à necessidade dos estudantes e seja acessível para o ensino-aprendizagem | R6 e R7 |
| 2 | Respeita a cultura surda, suas especificidades priorizando a língua de sinais. | R2, R5 e R8 |
| 3 | Contribui na construção de sua identidade tornando a aprendizagem mais significativa. | R1, R4 |
| 4 | Proporciona maior conforto no que tange à comunicação e interação. | R3 |

FONTE: LANA RÉGIA GOUVEIA NEVES BENTO E WILMA PASTOR DE ANDRADE SOUSA (2020).

No quadro 2, a reflexão se direcionou para o ambiente da sala de aula bilíngüe para surdos como meio direto do processo de trabalho profissional do professor(a), nela os fenômenos se desdobra através da mediação e interação. Porém, por se tratar de uma sala de aula específica para estudantes surdos, a experiência foi moldada pelas singularidades concernentes ao contexto: três estudantes surdos em idade escolar compatível com a série, e dois, uma menina e um menino surdos, apresentando comprometimento cognitivo, ambos fora da faixa de idade da série; 3º ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais. Como já mencionado, a sala oferta a educação bilíngüe em Libras como L1 e o Português escrito como L2, conforme o Artigo 28, inciso IV da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146/2015.

A sala bilíngüe para surdo tem a prerrogativa de permitir ao estudante ser instruído na sua língua materna e concomitantemente aprender o Português escrito por ser a língua majoritária do País, e nesse caso, isso facilitará a vida do sujeito surdo em

sociedade, já que todo componente ideológico, político e socioeconômico transitam na esfera da oralidade. No entanto, sob o olhar antropológico e cultural, há autores como Skliar (1998) que veem na educação do surdo mudança significativa, porém insuficientes. Para este autor, o modelo de educação ainda flutua sobre o que ele chama de “contrastes binários” ou ainda, o que poderia ser considerado “pedagogia da oposição”, onde prevalecem conceitos como: “normalidade/anormalidade, saúde/patologia, ouvinte/surdo, maioria/minoria, oralidade/gestualidade”.

Assim, na concepção de um novo paradigma para a educação plena do surdo, a cultura surda constitui significados próprios da lingüística pelo aspecto visual, além também dessas significações educacionais serem norteadas pela concepção histórica e político-pedagógica de ensino no ambiente educacional com vistas a um modelo totalmente visual. Isso por que as referências surdas emergem do pertencimento cognitivo cultural e da modalidade estrutural e funcional viso-espacial, Santana (2007). Daí a proposta da sala bilíngüe para surdo se aproximar de uma estratégia didática metodológica mais adequada ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e cultural.

No quadro 2, nas linhas 1 e 4, as residentes destacam o valor da sala bilíngüe para o estudante surdo, conferindo a esta o atendimento mais apropriado e adequado ao surdo. O sentimento constatado pelas residentes confirma o que Sousa e Mourão (2018) discorrem sobre o Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento Escolar do Surdo Brasileiro (PANDESB), projeto estruturado pela USP e coordenado por Fernando César Capovilla. O Programa afirma a necessidade de ambiente escolar onde o estudante surdo aprenda em Libras, entre colegas também surdos e professores sinalizadores, sejam surdos ou ouvintes.

Acreditamos assim, no tocante a sala de aula bilíngüe para estudantes surdos, que as residentes foram sensibilizadas ao lidar com um mundo até então desconhecido. Porém, com a Residência Pedagógica, as habilidades nas manifestações práticas e lingüísticas foram observáveis, contribuindo para o campo do conhecimento dos sistemas simbólicos e das notações práticas na pedagogia.

Quadro 3 – Demonstrativo sobre material didático em sala de aula

| Linhas | A importância dos métodos e recursos na Sala de Aula Bilíngue para estudantes surdos | Residentes |
|--------|--|-------------|
| 1 | Desafio docente diário, visto que há pouco material produzido e acessível. | R1, R3 e R7 |
| 2 | A adaptação do material didático é fundamental, mas não pode se encontrar dissociada da adequação. | R2, R3 |
| 3 | O material deve ter significado, as imagens devem ser reais que façam parte do cotidiano. Devem explorar todos os sentidos, se aproximando do mais concreto e visual possível. | R4, R5 e R8 |
| 4 | Os materiais devem atender as características da cultura surda, bem como contextualizado ao perfil da turma e suas especificidades. | R4 e R7 |

FONTE: LANA RÉGIA GOUVEIA NEVES BENTO E WILMA PASTOR DE ANDRADE SOUSA (2020).

Na terceira e última percepção das residentes, apresentadas no quadro 3, após a experiência de imersão no universo da escola, a prática das mesmas foi conduzida sobre uma das mais importantes ferramentas no exercício docente: o material didático. Nesse sentido, a idéia aqui perpassa pela evolução do processo educativo através do material adaptado promovendo a “acessibilidade comunicacional”, conforme afirmam Sousa e Mourão (2018 p.29). Por isso, no ensino ao estudante surdo, o material adaptado assegura o direito de oportunidade tendo em vista atender as necessidades viso espacial dos estudantes surdos. No entanto, os recursos pedagógicos adaptados não são encontrados ou disponibilizados na mesma proporção dos materiais didáticos direcionados aos estudantes ouvintes, então, o que já representa uma atribuição profissional preparar e planejar conteúdos, esse trabalho pedagógico intensifica-se ainda mais porque no que concerne ao estudante surdo os materiais adaptados valorizando, sobretudo, aspectos visuais e espaciais remetem um suporte imprescindível à compreensão do surdo.

Dessa forma foi possível perceber quão rápido as residentes tiveram noção dessa realidade, e logo, ainda no período de Ambientação, iniciaram a produção de materiais adaptados ao processo de ensino aprendizagem. Tal observação se evidencia no que fora citado na linha 1 do Quadro 3 pelas residentes. Já nas linhas 2 e 3, o desenvolvimento cognitivo passa pela própria interação do professor em constituir-se como participante que constrói e reconstrói sua prática pesquisando e produzindo materiais necessários a realidade da turma, realizando o que Sousa e Mourão (2018) chamam de compartilhamento comunicativo. De fato, o aprendizado significativo na sala de aula

bilíngüe para surdo depende da mediação de materiais e ações constituídos de elementos expressos na leitura visual e espacial, são materiais nem sempre disponíveis ao contexto de ensino ao estudante surdo. Por isso, o professor desenvolve sua instrumentalização dentro do processo educativo, adaptando materiais e intervenções que superem a barreira comunicacional.

Nessa perspectiva, a linha 4 do quadro 3 destacamos dois importantes cuidados necessários ao docente de sala de aula bilíngüe para surdo; considerar a cultura surda, bem como a especificidade da turma. Ou seja, incluir nos registros de aula materiais e narrativas compostos por instrumentos lingüísticos capazes de estabelecer conceitos, organizando o pensamento para proporcionar ao estudante estímulo às funções cognitivas na evolução do aprendizado formal. No tocante à cultura, a abordagem bilíngüe na priorização do ensino da Língua de Sinais ao estudante surdo é defendida por Goldfeld (1997) apud Santana (2007, p. 210) como o meio mais legítimo e seguro de possibilitar acesso a uma língua estruturada.

Diante desses achados os dados vem ao encontro de três proposições respaldadas por teorias e normativas que corroboram com a atual necessidade quanto ao universo da Educação: a oportunidade de preparo e experiência da prática docente no ambiente da própria escola, a integração escolar sob a perspectiva da inclusão com igualdade de oportunidade e por fim o uso de material didático adequado à metodologia que viabilize o processo educativo. O fato de não frisar as proposições acima na perspectiva da surdez, é proposital visto que o horizonte da educação é amplo, Libâneo (2006), porém, nessas três esferas, eles se coadunam seja qual for o ângulo da formação instrucional. Sendo assim, no campo da educação bilíngüe para surdo, as pesquisas já realizadas consolidam os resultados discutidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou objetivar a importância da Residência Pedagógica como instrumento para forjar o desempenho de professores (as), indo além do estágio curricular obrigatório, por vezes atendendo apenas uma prática de caráter pedagógico, o estágio não contempla uma efetiva imersão no contexto do ambiente escolar frente aos desafios pela aprendizagem da convivência, por exemplo. Mas, não só isso, este trabalho visou também considerar a temática da inclusão, através da atuação em sala de

aula bilíngüe para surdos. No viés do respeito pela diversidade e na luta pela eliminação de preconceitos, a reflexão se fez trilhar pela bandeira da identidade surda.

De minoria lingüística, os surdos foram coibidos de usar a própria língua dentro do ambiente de maior legitimidade para a aprendizagem durante um longo intervalo de tempo, a escola. Tal estagnação acarretou perdas estratégicas quanto à interação do sujeito surdo em sociedade, exercendo sua autonomia e participando da vida social dentro do padrão vigente, sim por que a singularidade da modalidade lingüística da Libras, como qualquer outro idioma, garante ao surdo aspectos estruturantes da cognição regulando as funções mentais superiores e o próprio pensamento, com afirma Santana (2007) numa abordagem vigotskiana. Para tal perspectiva Damazio (2007), ressalta a importância do processo educativo do surdo iniciar desde a educação infantil até a educação superior, para que assim seja assegurado o direito à cidadania e ao uso fruto dos recursos escolares de acordo com os princípios constitucionais do país.

Voltando assim para o processo educativo, como defende Damázio(2007), quanto ao acesso à educação desde a tenra idade, este trabalho ponderou também a prática pedagógica quanto aos recursos de instrumentalização do exercício docente: o material didático. No universo da surdez, a produtividade do conteúdo e das atividades passa em muito pela criatividade e materialização do docente da sala de aula bilíngüe. É ele ou ela que traz consistência e adaptações para quê o estudante surdo veja significado e sentido no que aprende e assim, tenha igualdade de oportunidade através do direito de aprender.

Diante disso, fica evidente a prerrogativa de que o Programa Residência Pedagógica coloca-se como um eficaz instrumento na construção da atividade profissional docente. O modelo traz a reflexão da teoria para a prática articulando no contexto contingências que Tardif (2018), chama de situações flutuantes que requer soluções novas e ideais.

Nesse sentido, com os dados obtidos na pesquisa e a observação enquanto preceptora, este trabalho defende a importância da prática na formação docente, pois no exercício da profissão durante a atuação a formação continuada representa um estreito vínculo na profissionalização, sendo assim, constata-se esse momento da Residência como um valioso dispositivo na autoformação das pedagogas.

REFERÊNCIA:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei nº13. 146 de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**.

_____. MEC/SECADI. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Portaria nº 1.060/2013 e nº91/2013, MEC/SECADI. Brasília, DF, 2014.

CAVALCANTE, Tícia Cassiany; LIMA, Rafaella Asfora; MOURÃO, Antônio Fontenele; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. **Práticas Pedagógicas em educação inclusiva: compartilhando experiências**. Recife: Ed. UFPE, 2018.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo, **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. MEC. Brasília, DF, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos; **Didática**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ª Ed. São Paulo: 2006.